

“ATITUDES DIANTE DA MORTE”: O CRER E O MORRER ENTRE OS PROTESTANTES EM RUSSAS-CE.

Ana Cláudia Anibal Ribeiro*

Neste artigo, trataremos mais detidamente sobre as crenças protestantes concernentes a morte e seus ritos fúnebres no município de Russas-CE, entre o período de 1930 a 1960. Para desenvolvermos tal problemática, apoiaremos nossas análises a partir da utilização dos depoimentos orais de evangélicos, pertencentes às igrejas Assembléia de Deus, Presbiteriana e Batista.

Para entendermos melhor as características ritualísticas relacionadas ao morrer para os cristãos evangélicos. Eis o fragmento de um artigo publicado no periódico “O Libertador” de 1883, da cidade de Fortaleza, com o seguinte boletim,

Os Evangelistas (...) nem encommendam cadáveres, nem oram pelos mortos; porque sendo bem aventurados os que morrem no Senhor, sabe-se, que aos que assim não morrem de nada aproveitam garganteados, responsórios, nem occanos, quanto mais caldeirinhas d'agoa benta¹.

Percebeu-se claramente uma concepção da morte diferenciada dos católicos, onde buscou-se evitar ao máximo práticas rituais, chamamos a atenção para o fato de que, nos ritos fúnebres evangélicos, rezar pelo morto e acender velas eram vetados, e que a luz divina era a única que iria guiar-nos para a vida eterna. Deste modo, a apreensão de indulgências perante a alma do morto eram subsídios que para os evangélicos não mereceu ênfase, comportamentos rituais diferentes daqueles aceitos pelos parentes do morto.

* Mestranda em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

¹ Jornal, Libertador, Fortaleza, 21 de setembro de 1883.

As atitudes diante da morte e a relação entre vivos e mortos não estão separados de processos históricos mais amplos, daí porque cada país, talvez cada “região cultural” teve uma cronologia própria das mudanças. Clare Gittings mostrou que na Inglaterra a reforma protestante apressou, a partir do século XVI, o declínio dos funerais mais elaborados, do cuidado ritual com o cadáver, das preces e missas de encomendação da alma, enfim formas de bem morrer herdadas da tradição católica. (REIS, 1991, p.78).

De acordo com João José Reis (1991) para isso foi decisiva a doutrina reformista da predestinação, Deus decidia sozinho quem eram seus eleitos e a conseqüente abolição do purgatório como estágio temporário da alma que podia ser abreviado por preces, missas e intercessão de santos. Muito antes dos franceses, os ingleses definiram um modo privado de morrer, coerente com a voga individualista estabelecida pelo protestantismo.

Essas novas ideias foram abraçadas com especial radicalismo pelos chamados puritanos, adeptos do calvinismo. Calvino criticou duramente a doutrina do purgatório, criação medieval que segundo ele só servia para engordar os padres. Recomendava-se a seus seguidores um enterro decente, livremente escolhido pelo morto ou seus familiares, mas livre também do que considerava superstições papistas. Segundo Calvino, a extrema-unção católica, por exemplo, era uma dessas superstições, que em nada beneficiava a alma, com a abolição do purgatório, tornavam-se também inúteis as preces dos vivos em favor das almas que ali pensassem. Os anglicanos e especialmente os puritanos, por sua crença na predestinação, não viam como a multiplicação de gestos rituais na hora da morte pudesse modificar o destino já traçado dos indivíduos. “Por decreto de Deus, para a manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados a vida eterna e outros são predestinados à morte eterna”, rezava um documento protestante do século XVII. Daí optarem por enterros simbolicamente econômicos, por funerais minimalistas, à exceção dos suntuosos funerais da aristocracia inglesa, por exemplo, verdadeiras cerimônias de Estado. (REIS, 1991, p.79).

A crítica protestante influenciou dissidentes no mundo católico, inclusive entre o povo comum, como o moleiro italiano Menocchio, que, inspirado na literatura reformista, contestava o purgatório e apontava a inutilidade da missa pela alma dos mortos. Também para

ele, os funerais católicos eram fonte de usura de padres e frades: “não querem defunto receber, sem antes ter na mão todo o dinheiro”, diziam versos provavelmente lidos com aprovação pelo moleiro. Ele preferia pensar diretamente no paraíso, que imaginava ser “uma festa que não acabava mais”. Mas Menocchio era um personagem excepcional no mundo católico, alguém que, embora refletisse vários aspectos de uma cultura camponesa secular, pensava o mundo de modo particular. Nas regiões dominadas pelo catolicismo, as visões e atitudes em relação à morte e os rituais fúnebres tradicionais persistiram e até se fizeram mais elaborados, no rastro da Contra Reforma Católica.

Mesmo no mundo protestante, o tradicionalismo funerário desafiou os reformadores da fé. Na Inglaterra, as autoridades anglicanas e os pastores calvinistas por muito tempo foram obrigados a enfrentar resistência do povo à simplificação ritual dos funerais, ao desprezo do corpo morto, à desvalorização do local de enterro. Por exemplo, os cadáveres geralmente deixaram de ser enterrados no interior das igrejas, mas permaneceram ocupando seus adros, *churchyards*, sinal de resistência ao distanciamento entre vivos e mortos. Essa regra para a maioria, porque a aristocracia continuava a ser enterrada nas igrejas, e não nos referimos apenas aos membros da família real e aos cortesãos que repousam suntuosamente na abadia de Westminster ou na catedral de Saint Paul, ambas em Londres. (REIS, 1991, p.79).

Com relação às crenças evangélicas relacionadas ao morrer em Russas-CE, percebemos que entre evangélicos e católicos havia claramente concepções diferentes sobre a morte, salvação e ritos fúnebres e essas diferenças contribuíram para acirrar os debates em torno da atuação da igreja católica nos espaços destinados aos mortos, ou seja, no cemitério público da urbe em estudo. A concepção evangélica sobre salvação era bastante diferente da católica, permeada de ritos, segundo a concepção evangélica, a salvação é dom de Deus portanto, para obtê-la, era necessário crer em Deus e em Jesus Cristo como salvador do mundo.

Porque Deus, amou o mundo de tal maneira que deu seu filho único, para todos aqueles que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna². Dessa maneira, para os evangélicos, a fé e o arrependimento de seus pecados são o suficiente para assegurar a salvação, não precisando assim, de nenhum recurso, como os ritos do catolicismo, por exemplo, para garantir a salvação e a vida eterna.

Ao narrar Dona Ogarita Marta, evangélica da igreja Batista, expôs sua opinião sobre a salvação,

Porque a pessoa está morta ali, não está sentindo mais nada, morreu, então acabou, a gente tem que confessar, porque a bíblia diz que cada um tem que fazer a sua parte, a salvação cada um tem que se converter, ninguém pode fazer pelo outro, cada um fará de si mesmo a Deus, pelos atos que você fez, pelas ações se são boas ou se são mau, ta entendendo³.

As reflexões suscitadas pela depoente ajudam-nos a compreender que a salvação de um cristão, seria conquistada através das boas ou más obras realizadas ainda em vida, onde fica claro que a salvação é individual, independente de cor, raça e religião. Para o evangélico, o corpo morto não tem nenhum significado relevante, depois da morte é esperar o julgamento.

Quando morre um evangélico, dificilmente se afirma morreu. Afirma-se *passou para o Senhor!* numa mensagem direta, terra-céu, sem passar pelo purgatório⁴, por exemplo, quem passava para Deus teria uma nova vida, porque acreditava nas promessas de Jesus Cristo. Assim, pode até haver sofrimentos e provações na terra, mas eles tem a certeza de que as tribulações são passageiras e que o futuro é seguro, mesmo depois da morte, porque Jesus afirmou “*Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim nunca morrerá. Você crê nisso?*”⁵.

² João Capítulo 3. Versículo 16.

³ Ogarita Marta da Silva. Entrevista realizada em Abril de 2012, aos 60 anos de idade em Russas-CE.

⁴ Para o catolicismo, lugar de purificação para aqueles que morreram em pecado e que podem ser perdoados mediante sofrimento no purgatório, ou seja, os que morrem sem salvação podem tentar a purificação de seus pecados e assim conseguir a vida eterna.

⁵ João, capítulo 11. Versículos 25-26. São Paulo: Paulus. 2002.

Segundo Érica da Silva (2005) na concepção evangélica de salvação não são precisos ritos, extrema-unção, rezar o terço, missas, sufrágios pela alma, para ajudar na salvação, pois o homem justificado, arrependido, crê que Jesus é o caminho para a salvação, por meio da fé.

Justificação, penhor de salvação, tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não é só. Nós nos gloriamos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança, a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Foi com efeito, quando ainda éramos fracos, que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios⁶.

Assim, a morte de Cristo redimiu os homens de todos os pecados, sendo desnecessários outros recursos para garantir a salvação. Era essa a mensagem de salvação, diretamente ligada à pessoa de Jesus Cristo como remidor dos pecados, desta forma, negamos a de qualquer outro recurso ou pessoa para se obter a vida eterna.

Segundo a bíblia sagrada, a salvação significa que recebemos vida eterna se tivermos uma relação pessoal com Deus. *E a vida eterna é esta que te conheçam a te, como o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, aquele que tu enviastes⁷*. Observemos a apreciação que o pastor da igreja Assembléia de Deus Antenor Bezerra Dias, expôs sua compreensão de morte,

A morte entre nós é uma coisa comum, dificilmente o crente ele tem medo de morrer, isso porque ele previamente tem que está preparado para o momento, porque o medo que nós temos da morte, chama-se a conservação do instinto, porque nós não fomos chamados para morrer, nós fomos chamados para viver, fomos criados para viver. A morte veio até nós por causa da desobediência do homem já no Éden, então, quer dizer que a morte é um oposto, mais o instinto da conservação, ela faz com que você se defenda da morte, isso só o instinto, Agora quando a pessoa está longe da morte, ele tem medo dela, quando está longe, mais quando ele entende e fez tudo para que sobrevivesse e nada deu certo, ele se acomoda e em muitos casos a morte é bem vinda, agora a morte natural, aquela morte acidental, alguém que morre acidentalmente não chegou ao fim da vida, a vida foi ceifada, isso porque

⁶ Romanos, capítulo 5. Versículos 1-6. São Paulo: Paulus. 2002.

⁷ João capítulo 17. Versículo 3.

no sentido comparativo o homem é como uma árvore dessa, a bíblia chama o homem uma árvore, o homem que digo é o ser humano⁸.

A partir da fala do narrador, destacamos que para o evangélico a morte não era o fim, mais o início de uma extraordinária e plena vida com Cristo. É a certeza de que o seu “agulhão” foi retirado de uma vez por todas, selando o passaporte oficial para a vida eterna em Jesus, um dia nosso corpo será arrebatado do poder da morte⁹. O depoente salienta que a morte natural é sempre bem vinda é a certeza de que o cristão cumpriu paulatinamente sua missão no mundo terrestre, através da realização de boas obras, já quando a vida de um ser é interrompida bruscamente, significa que sua existência foi ceifada, que o indivíduo não chegou ao fim da vida.

Em outro momento, Ariosvando Moreira, diácono da igreja Assembléia de Deus em Russas, narrou sua concepção sobre a salvação,

Se eu morrer hoje, agora eu tenho uma certeza do lugar que eu vou, porque eu to sendo cumpridor da palavra, mas se eu saio da igreja e eu volto lá pro mundo novamente, fazer o que eu tava fazendo, já é considerado como morto, porque morto espiritualmente, porque nós procuramos reservar a parte espiritual, porque é essa que conta do outro lado, tá entendendo, a nossa vida aqui é importante, mas o acesso, o caminho, a gente tem que preparar aqui, antes de morrer, porque depois que morre, depois que a carne morre, aí já vem a sentença, nós vamos ser sentenciados por Deus, nós vamos comparecer no dia do juízo a ele¹⁰.

Quando o entrevistado citou a expressão “eu volto lá pro mundo novamente”, significou que o indivíduo não estando enquadrado nos moldes da doutrina evangélica, estava suscetível a provar dos pecados que a vida terrena oferece. Através de sua fala, apontamos para o fato de que o evangélico valorizava a vida espiritual e não a carnal, depois que morremos nosso corpo já não tem nenhum valor material, o que era realmente significativo seria a vida eterna.

⁸ Antenor Bezerra Dias. Entrevista realizada em Setembro de 2011, aos 83 anos em Russas-CE.

⁹ Romanos, capítulo 8. Versículos 1-11; Tessalonicenses, capítulo 4. Versículos 16-17.

¹⁰ José Ariosvando Moreira. Entrevista realizada em Setembro de 2011, aos 40 anos de idade, em Russas-CE.

Érica Silva (2005) em sua dissertação, abordou as concepções de morte e salvação para os protestantes em meados do século XIX, na cidade de Belém, desta forma, a autora divulgou em sua pesquisa um artigo intitulado “*in articulo mortis*”, cuja autoria é de um pastor metodista chamado Justus Nelson, onde o mesmo faz uma apologia sobre o seu entendimento de morte e salvação,

In articulo mortis

(...)

O facto que a morte poderá vir a qualquer momento é igualmente certo.

Vivemos in articulo mortis. Estamos cercados dos elementos que se podem desencadear em destruição repentina e medonha, em qualquer momento. E não só estamos cercados dos elementos da destruição. Estamos cheios dos mesmos. A água para nos afogar, o fogo para nos queimar, os gases para nos explosir, os contágios para nos fazer adoecer, os micróbios de que o ar está povoado e que formigam nas nossas veias; todas estas causas nos anunciam que não pode demorar muito o dia da nossa retirada scena terrestre.

Apesar da incerteza da hora exacta da morte e da certeza que ella chega breve, muitos vão deixando correr á revelia os negócios mais importantes da vida¹¹.

Assim, Érica Silva (2005), ressaltou que nesse artigo existiam algumas semelhanças entre católicos e protestantes sobre a incerteza da hora da morte, já que as ameaças estavam em todo lugar. Contudo as diferenças com relação a salvação logo se evidenciavam,

Vive-se amaziado por anos, e casa-se no último momento. Caçoam dos padres, das igrejas, da religião por toda a vida, e na última hera mandam chamar o homem de quem caçoavam por toda a vida para ajudai os a morrer, para “salvar a alma”¹².

Melhor tarde do que nunca, diz o adagio; porém, tarde é nunca muitas vezes. E quem confia no padre, na hóstia na extrema-uneção para salvar a alma, fica eternamente enganado¹³.

Segundo Érica Silva (2005) o pastor Justus Nelson fez insinuações de que alguns católicos viviam de forma contrária as determinações da igreja durante boa parte da vida e na

¹¹ Belém, Apologista Christão Brasileiro 05 de Julho de 1890, p.7. Apud, SILVA, 2005.

¹² Idem.

¹³ Idem.

hora de morte recorriam ao padre e aos ritos católicos na tentativa de garantir a salvação da alma o que, segundo ele, era engano, pois “*Há só um meio de salvar a alma, o arrependimento em fé em Jesus Christo como único salvador. Quem confia, nos sofrimento, ou nas cerimonia, regeita o salvador Jesus e com ele toda a salvação*”¹⁴.

Dessa forma a felicidade no pós morte dependia da fé em Cristo, algo que não pode ser conseguindo por meio da absolvição do padre ou de ritos. Segundo o pastor metodista Justus Nelson,

Mas o que é salvação? É uma causa que se pode comer com a hóstia? Ou pode se collocal-a como sello adesivo para pagar o porte da alma para o céu?

*A salvação é a isenção da culpa e do amor do pecado. É a limpeza dos desejos dos motivos e dos pensamentos. É o amor de Deus e dos seus mandamentos e o ódio de todo o pecado. A confissão e a absolvição do padre não pode fazer o homem puro. Antes o homem confiado nas cerimonia dos padre, deixa de recorrer ao único salvador Jesus. O sacerdote tapa lhe a vista colocando-se entre a alma anciosa e o salvador*¹⁵.

Outro aspecto que merece ser evidenciado na concepção de salvação defendida pelo pastor metodista Justus Nelson referiu-se ao tempo oportuno para se procurar a remissão dos pecados,

O tempo para procurar a salvação a pureza de character que é o único para porte do ceo é no viço da vida enquanto a saúde.

Breve vem o tempo quando se dirá: “quem é injusto seja injusto ainda, e quem é sujo. Seja sujo ainda, e quem é justo, seja justificado ainda, e quem é santo seja santificado ainda”.

Quando as mãos vão ficando roxas, e o suor frio está na fronte, e o juízo já esta abalado e prestes a cahir, quem viveu no pecado por toda a vida, achará tarde, muito tarde os preparativos para os alicerces de um character que possa entrar no céu.

E mil vezes melhor principiar a vida eterna agora.
J.H.N¹⁶

Nas palavras da autora Érica Silva (2005) o tempo conveniente para o pastor metodista seria uma exuberância da vida e não na hora em que a mente já está comprometida com a angústia da possível chegada da morte. O tempo representava uma diferença

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

significativa no campo da salvação entre católicos e protestantes, pois para o catolicismo a hora da morte, a forma como se esperava o fim da vida, era de suma importância juntamente com os ritos, rezas aos santos de devoção, que muito ajudavam para se garantir vida eterna no além-túmulo. (SILVA, 2005, p.174).

Já para o pastor metodista Justus Nelson a procura pela vida eterna deveria anteceder o momento da morte, ou seja, vivendo de acordo com os princípios bíblicos de fé, perseverança, esperança em um mundo de paz, de forma que a salvação de última hora era possível, mas por meio do arrependimento e aceitação de Jesus Cristo como único salvador, sem interferência de padre ou santo.

O arrependimento e louvor eram os elementos presentes no momento da morte protestante. Segundo Antônio Mendonça (1995) em pesquisa sobre a inserção do protestantismo no Brasil, classificou alguns hinos, que evidenciavam o pensamento protestante sobre o além-túmulo.

*Tenho lido da bela cidade
Situada no reino de Deus,
A murada de um jaspe luzente,
Juncada de áureos troféus,
No meio da praça do rio
Da vida que nasce da cruz,
Mas metade da glória celeste
Jamais se contou ao mortal. (1°)*

*Tenho lido dos belos palácios
Que Jesus foi no céu preparar
Que os crentes fiéis, para sempre
Felizes irão habitar;
Tristeza, nem dor, nem velhice
Atinge a mansão divinal,
Mas metade do gozo futuro
Jamais se contou ao mortal. (2°)*

*Oh! Vem me encontrar à fonte,
Da Jerusalém do céu!
A esta cristalina fonte,
Que Jesus aos crentes deu!
Lá vou encontrar amigos,
Que me amavam como irmão,
Lá teremos belos hinos;*

Vem de todo o coração. (MENDONÇA, 1995, p.238-239).

Assim, o além-túmulo era visto como um lugar bonito e cheio de paz. Nos versos é possível perceber também a inversão da morte e da vida. A posição terra/céu sempre presente na expressão hinológica mostra outra posição fundamental: vida/morte, no sentido de uma inversão básica em que vida significa morte (negação da vida presente) e morte significa vida (afirmação da vida futura). (MENDONÇA, 1995, p.239-239).

Esta maneira, claro está que, para os protestantes assim como para os católicos, a morte não é o fim, mas o começo de uma nova vida. Contudo há entre eles maneiras diferentes de se garantir a salvação.

Outra questão que deve ser problematizada refere-se aos sentidos atribuídos pelos evangélicos a ideia de morte. Suscitadas tais reflexões, o autor Agileu Gadelha (2008), tratou sobre a questão da morte para os presbiterianos, o mesmo ressaltou que,

No universo racional dos seres humanos, pode-se afirmar que a única certeza da vida é a morte. A sua subjetividade representa a inaceitabilidade do fato, a sua incompreensão, no entanto, a grande maioria dos homens a temem e se pudessem adiar-na convictos. A irreversibilidade da morte, a sua concretude e a sua aceitação representou para os evangélicos, um desígnio de Deus. (GADELHA, 2008, p.92).

Com base, na citação acima, podemos perceber sobre o confronto com a morte, ficou evidente a importância da religião como deixa transparecer a fala do Pastor da igreja presbiteriana, Elias Magalhães:

A religião pode amenizar a dor da perda, porque dependendo da teologia da religião, essa teologia pode te ajudar a compreender os mistérios de Deus. A morte é tratada como o salário do pecado é algo que Deus não tinha inicialmente no projeto para o ser humano, Deus não criou o homem para morrer, a morte é

consequência da desobediência do homem, por isso que a morte é algo estranho é algo que as vezes assustador, porque não há algo que foi criado para o homem, a morte foi criada para mostrar ao homem que ele quebrou a lei, que ele quebrou os princípios da palavra de Deus, então morrer é difícil porque a morte não é algo comum, algo que traz pavor, a morte ela traz medo, elas trás uma série de coisas que abala o ser humano, o viver é bom, viver é uma experiência que nós temos e sabemos o que é viver, mais morrer só quando chegar a hora¹⁷.

O depoente salientou que a religião ajuda a amenizar a dor da perda de um ente querido, e tal conformação deve ser alicerçada através da leitura da bíblia sagrada. Tal análise ajuda-nos a compreender que, para os evangélicos, a leitura das escrituras sagradas oferece esperança e conforto para quem se entristece por amigos, parentes e amigos que morreram. Tanto os que partiram, como os que ainda vivem na vida terrena, estão rodeados e protegidos pela presença de Cristo.

O autor Rubem Alves (2008) discutiu a premissa proposta pelo racionalismo do século XIX, segundo a qual a religião nada mais é que uma reminiscência que o homem guarda de um período primitivo de seu desenvolvimento. Acreditava-se que o progresso da história e a emergência de novas formas científicas de pensar, o homem iria aos poucos se educando para a realidade e, como consequência, abandonaria suas ilusões religiosas. No entanto, a realidade nos mostra que com a modernização da sociedade a religião, ao invés de extinguir-se, fortificou-se.

O pastor presbiteriano, Elias Magalhães, em sua fala esclareceu que a morte é uma consequência da desobediência do homem, por isso que a morte é algo apavorante e que tras medo, assim o homem quebrou os princípios da palavra de Deus. Nesse sentido, podemos perceber que a morte também está atribuída ao pecado cometido pelo homem.

Segundo Martinho Lutero a morte era uma despedida deste mundo sendo um fato na vida, conduzindo o homem através de uma porta muito estreita, apertada e, que poucos a encontram (LUTERO, 2000, p. 9). O argumento luterano seria a tentativa em mostrar que a morte liberta o medo de que o caminho para a vida eterna seria o encontrar esse caminho que

¹⁷ Elias Magalhães. Entrevista realizada em Setembro de 2011, aos 49 anos de idade em Russas-CE.

mesmo sendo estreito é imenso. Segundo o apóstolo Marcos a conquista desse lugar é “possível para aqueles que creem¹⁸”.

Ao considerarmos as entrevistas realizadas com os evangélicos pesquisados em Russas, traço sensível presente em suas falas era o fato de que em decorrência de suas diversas formas de interpretar as escrituras, observamos que embora coesas se apresentassem sob diferentes exegeses na forma de dialogar com a bíblia, no entanto, naquilo que diz respeito à morte e ao sepultamento há um pensar comum. Os evangélicos, de modo geral, creem que a morte era, apenas, uma passagem para uma outra vida: a eterna.

Desta Forma, no leito de morte, os evangélicos já não faziam provisões para o repouso de suas almas através das “boas obras”, das indulgências, da prestação de promessas, das esmolas para os pobres ou de qualquer outro tipo de sufrágio. Os evangélicos aceitavam como norma de fé os termos incondicionais contidos no Antigo e Novo Testamento. Diante de uma visão de reino, de um renascimento.

Enlaçados, em meio a tais discussões, entre as crenças evangélicas alusivas ao morrer, podemos observar que, de modo geral, os evangélicos não evocavam indulgências em detrimento da alma do morto. Notemos a narrativa da Senhora Ogarita Marta Silva, evangélica da igreja Batista, ao rememorar como aconteciam os velórios evangélicos em Russas,

Iam para as casas, os evangélicos, os católicos não vinham para cantar músicas, porque sabia que os evangélicos não aceitava reza, os evangélicos mesmos ficavam ali, cantava, faziam aquelas orações, não para a pessoa que morreu, mais para quem estava ali, porque quem já morreu já está na outra vida, diz em eclesiástico, já está no esquecimento. Se você não fez nada por vida, quando você morrer não tem mais o que fazer, as vezes a pessoa num morre e outra fica rezando, as ejaculatórias!! aí diz o livro que não tem purgatório, a bíblia não fala em purgatório, fala das pessoas que estão vivas e que ainda tem uma chance, quem já morreu não tem mais chance¹⁹.

¹⁸ Marcos, capítulo 9. Versículo 23.

¹⁹ Ogarita Marta Costa e Silva. Entrevista realizada em Abril de 2012, aos 60 anos de idade em Russas-CE.

A partir destas considerações, percebemos que se para os católicos a busca de salvação de suas almas dava-se através da intercessão e pelas indulgências, como a indispensável intercessão dos santos e na crença em um purgo. Os evangélicos, contrários a rituais performativos, lembravam seus falecidos e cuidavam de suas almas através do que realizaram em vida. Por essa identidade os evangélicos buscavam em sua fé, e pela fé, a graça para uma vida eterna.

No bojo destas discussões, poder-se-ia conduzir ao entendimento de que para os evangélicos o julgamento das pessoas ocorreria em vida. O profeta Isaías, usando o verbo consolai no plural, diz que o Divino determina-se ao encorajamento dos arautos: “*Consolai, consolai o meu povo*”. Qual seja o elo, há aliança perpétua, como conclui o profeta: “Buscai, (...) enquanto se pode achar” possivelmente e, por essas razões, o evangélico não aceita a reencarnação²⁰.

O livro de Gênesis definiu a morte da seguinte maneira “*Quando Deus disse a Adão que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele revelou que a consequência da desobediência seria a morte no mesmo dia do pecado*”²¹. Com certeza, Deus cumpriu sua promessa sobre a consequência do pecado, porque ele sempre fala a verdade e nunca quebra uma promessa. *Por causa do pecado do casal original, Deus expulsou-os do Jardim do Éden*²². Mesmo tendo Adão vivido, em seu corpo físico, por 930 anos, ele e sua esposa morreram no dia de seu pecado, no sentido de que eles foram separados de Deus. A morte espiritual é a separação de Deus.

Portanto, a principal diferença entre católicos e protestantes na questão salvação é que para os seguidores da igreja romana a salvação pode ser conseguida por intermédio da ajuda de santos e ritos que antecedem a hora da morte, já para os protestantes só há um meio de se conseguir a salvação da alma: *a fé em Jesus Cristo “(...) visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos (...) e quando este ser mortal*

²⁰ Isaías, capítulo 40. Versículo 1.

²¹ Gênesis, capítulo 2. Versículo 17.

²² Gênesis, capítulo 3. Versículos 23-24.

tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da escritura a morte foi absorvida na vitória. Morte onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?” .

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *O que é religião*. Coleção Primeiros passos. 2008.

ARAÚJO, Pedro Alcântara. *“Capital e Santuário”*: Miragens russano-nordestinas. Editora IOCE, Fortaleza, 1986.

CHARMAZ, Kathy; MILLIGAN, Melinda J. *Luto*. New York: Springer, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo. Pioneira. 1989.

FILHO, Glauco Barreiras Magalhães. *O Imaginário Protestante e o Estado de Direito*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GADELHA, Francisco Agileu Lima de. *O Ceará na trilha da nova fé: O presbiterianismo no Ceará (1883-1930)*. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2005.

_____. *A fé moldando comportamentos: história cultural dos presbiterianos de Fortaleza*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2008.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

JOHN, Owen. *A Morte da Morte na Morte de Cristo*. Edição da Banner of Truth Trust, 1959.

Loureiro, A. M. L. (2000). *A consciência da morte e a alienação sobre o morrer*. In A. M. L. Loureiro. *A velhice, o tempo e a morte*. Brasília, DF: EdUnB.

LUTERO, Martinho. *Vida em Comunidade: Comunidade, ministério, culto, sacramentos, visitação, catecismo, hinos*. Obras Seleccionadas, vol 7. São Leopoldo: Comissão Inter luterana de Literatura, 2000.

LUTHER, Martin. *Encomion musices*. In: Martin Luther Werke, vol.50. Weimar, 1944.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

_____. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. Revista USP, São Paulo, n°67, p.48-67. Setembro/Novembro de 2005.

NASCIMENTO, Diana Maria. *De Tabuleiro dos Negros à Planalto da Bela Vista: História e Memória*. Monografia de Graduação do Curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2002.

OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. *“Estranho em terra estranha”*: práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

PEREIRA, José dos Reis da Silva. *História dos Batistas no Brasil*. 3° edição. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiemé, 1983.

SCHMITT, Juliana Luiza de Melo. *Mortes Vitorianas: Corpos e Luto no século XIX*. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte. Santo André, São Paulo. 2008.

SILVA, Andréia Vicente da. *Ritualizando o enterro e o luto evangélico: Compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011.

SILVA, Cristiano Parpinelli da. *A morte de Jesus: perspectiva bíblico-sistemática*. Revista Eletrônica Theologia Faculdade Palotina – FAPAS. Theologia, volume 2, n°. 1. Ano 2009.

SILVA, Érica Amorim da. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850-1891)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

SOUZA, Robério Américo. *“Fortaleza e a nova fé”*: A inserção do protestantismo na capital cearense (1883 – 1915). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

_____. *“Evangélicos numa cidade católica”*: a ação de missionários protestantes em Fortaleza (1882-1915). In. Trajetos. Revista do Programa de Pós Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Vol.4. n°8, Dezembro 2006. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.

_____. *“Vaqueiros de Deus”*: A expansão do protestantismo pelo sertão cearense, nas primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Diversidade e Confronto*: Católicos, protestantes e a construção de uma nova religiosidade na fortaleza do século XIX. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n. 9, jan/2011. ISSN 1983-2859.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador, 2009.

VERAS, Rogério de Carvalho. *Entre bodes e embatinados*: representações de um conflito religioso no Maranhão. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) Universidade Estadual do Maranhão, 2005.